

01|

Rua da Liberdade – São Paulo-SP - 1937



(Disponível em <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levi-strauss/obra/1995>.)

Pobre alimária

O cavalo e a carroça
 Estavam atravancados no trilho
 E como o motorneiro se impacientasse
 Porque levava os advogados para os escritórios
 Desatravancaram o veículo
 E o animal disparou
 Mas o lesto carroceiro
 Trepou na boleia
 E castigou o fugitivo atrelado
 Com um grandioso chicote

(Oswald de Andrade, *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2003, p.159.)

A imagem e o poema revelam a dinâmica do espaço na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX.

Qual alternativa abaixo formula corretamente essa dinâmica?

A Trata-se da ascensão de um moderno mundo urbano, onde coexistiam harmonicamente diferentes temporalidades, funções urbanas, sistemas técnicos e formas de trabalho, viabilizando-se, desse modo, a coesão entre o espaço da cidade e o tecido social.

B Trata-se de um espaço agrário e acomodado, num período em que a urbanização não tinha se estabelecido, mas que abrigava em seu interstício alguns vetores da modernização industrial.

C Trata-se de um espaço onde coexistiam distintas temporalidades: uma atrelada ao ritmo lento de um passado agrário e, outra, atrelada ao ritmo acelerado que caracteriza a modernidade urbana.

D Trata-se de uma paisagem urbana e uma divisão do trabalho típicas do período colonial, pois a metropolização é um processo desencadeado a partir da segunda metade do século XX.

02| Leia a crônica *O apagar da velha chama*, de Luis Fernando Verissimo.

Eu, você, nós dois, um cantinho, um violão... Da janela, mesmo em Porto Alegre, via-se o Corcovado, o Redentor (que lindo!) e um barquinho a deslizar no macio azul do mar. Tinha-se, geralmente, de vinte anos para menos quando, em 1958, chegou a Elizete com abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim e João Gilberto com o amor, o sorriso, a flor e aquela batida diferente, mas que era bossa-nova e era muito natural, mesmo que você não pudesse acompanhar e ficasse numa nota só, porque no peito dos desafinados também batia um coração, lembra? Na vida, uma nova canção, um doce balanço. Era carioca, era carioca, certo, mas a juventude que aquela brisa trazia também trazia pra cá e daqui se via a mesma luz, o mesmo céu, o mesmo mar, milhões de festas ao luar, e sempre se podia pegar um Electra e mandar descer no Beco das Garrafas, olha que coisa mais linda. Queríamos a vida sempre assim, si, dó, ré, mi, fá, sol, muito sol, e lá. Mas era preciso ficar e trabalhar, envelhecer, acabar com esse negócio de Rio, céu tão azul, ilhas do sul, muita calma pra pensar e ter tempo pra sonhar, onde já se viu? Até um dia, até talvez, até quem sabe. O amor, o sorriso e a flor se transformavam depressa demais. Quem no coração abrigou a tristeza de ver tudo isso se

perder, para não falar nos seus vinte anos, nos seus desenganos e no seu violão, nem pode dizer ó brisa fica, porque nem mais se entende, nem mais pretende seguir fingindo e seguir seguindo. A realidade é que sem ela não há paz, não há beleza, é só a melancolia que não sai de mim, não sai de mim, não sai. E dê-lhe rock.

Sobre a crônica, considere as seguintes afirmações.

I. O autor, partindo de sua experiência pessoal, como é próprio da crônica, recupera o momento histórico de uma geração, através da música brasileira.

II. O autor constrói a crônica a partir de diversas letras de músicas, mostrando como elas fazem parte de sua vivência de juventude.

III. A melancolia, ao final da crônica, está ligada ao envelhecimento e à percepção de que aquele momento não volta mais.

Quais estão corretas?

- A** Apenas I.
- B** Apenas III.
- C** Apenas I e II.
- D** Apenas II e III.
- E** I, II e III.

03 | O que primeiro chama a atenção do crítico na ficção deste escritor é a despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. Num momento em que Gustave Flaubert sistematizara a teoria do “romance que narra a si próprio”, apagando o narrador atrás da objetividade da narrativa; num momento em que Émile Zola preconizava o inventário maciço da realidade, observada nos menores detalhes, ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa. A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.

(Antonio Candido. *Vários escritos*, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- A** Machado de Assis.
- B** José de Alencar.

- C** Manuel Antônio de Almeida.
- D** Aluísio Azevedo.
- E** Euclides da Cunha.

04 | Cronologia

1500 –	Cabral encontra os Tupiniquim, da grande família Tupinambá (tronco tupi-guarani) que ocupava quase toda a costa, do Pará ao R.G. do Sul
1502 –	Instalação das primeiras feitorias portuguesas no Brasil (Cabo Frio, Bahia, Pernambuco) para o tráfico do pau-de-tinta e escravos.
1511 –	Em Cabo Frio, a nau “Bretoa” embarca 35 escravos índios para a metrópole. Incursões de corsários franceses interessados em pau-brasil.
1531 –	Expedição de Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza de reconhecimento e posse da terra. – Endurecimento dos termos de intercâmbio (escambo) de produtos nativos por manufaturas europeias. – Contingenciamento da mão de obra indígena para todo tipo de trabalho, ainda através do escambo. – Mais embarque de escravos para Portugal.
1534 –	Implantação do regime de donatarias hereditárias. Aumenta a imigração de colonos, atendendo contra a mulher indígena, a posse da terra e a liberdade dos índios.
1537 –	Breve papal de Paulo III proclamando os índios “verdadeiros homens e livres”, isto é, criaturas de Deus iguais a todos.
1540 –	Reações dos tupi à conquista: 12 mil índios emigram da Bahia ou Pernambuco; somente 300 chegam a Chachapoya, no Peru. – Sessenta mil Tupinambá fogem da opressão portuguesa, exaurindo-se pelo caminho, até atingir a foz do rio Madeira (1530/1612)
1547 –	Os Carijó, grupo guarani da capitania de S. Vicente, são assaltados por predadores de escravos e vendidos em várias capitanias. Para escapar à escravização, tribos guerreiam mutuamente, arrebanhando escravos para a nascente indústria canavieira.
1549 –	Chega a primeira missão jesuítica, chefiada por Manuel da Nóbrega: oito missionários, entre os quais, José de Anchieta. – Dissolve-se o regime de capitanias. – É estabelecido o governo-geral. – Tomé de Souza, primeiro governador-geral, reimplanta o escambo para obter alimentos e trabalho dos índios, mas não impede de todo a escravidão.

(RIBEIRO, Berta Gleizer. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983, p. 119-120)



É correto afirmar sobre o acima transcrito:

- A** Tratando-se de uma cronologia, é fundada em dados científicos, por isso essa relação de datas e acontecimentos históricos corresponde a dados objetivos, que devem obrigatoriamente figurar em qualquer cronologia de qualquer outro estudioso.
- B** Constitui texto cujo título determina a necessária direção da leitura – a data deve ser considerada em relação direta com o que está à sua direita; as datas devem ser consideradas da antecedente para a subsequente –, não admitindo focalização alguma de outra ordem.
- C** Usualmente aposta a textos dissertativos que expõem dados sobre a História de um dado país, é tabela cuja leitura depende da argumentação apresentada neles, motivo pelo qual qualquer consulta desvinculada não merece crédito.
- D** É quadro composto de linhas e colunas que, separadas por filetes, formam casas em que se acham contidos algarismos e palavras; a subjetividade do autor da cronologia evidencia-se na seleção que faz dos fatos historicamente disponíveis para registro.
- E** A palavra “cronologia” explicita ao leitor que ele inevitavelmente estará diante da organização de fatos em ordem sequencial; a credibilidade dessa ordenação funda-se na citação das decisões de governantes de estado e suas consequências.

05 | O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Com esse movimento, nota-se o despontar de uma poesia nova, que ressuscitava o culto do vago em substituição ao culto da forma e do descritivo.

(Massaud Moisés. *A literatura portuguesa*, 1994. Adaptado.)

Considerando esta breve caracterização, assinale a alternativa em que se verifica o trecho de um poema simbolista.

- A** “É um velho paredão, todo gretado, Roto e negro, a que o tempo uma oferenda Deixou num cacto em flor ensanguentado E num pouco de musgo em cada fenda.”
- B** “Erguido em negro mármore luzidio, Portas fechadas, num mistério enorme, Numa terra de reis, mudo e sombrio, Sono de lendas um palácio dorme.”

C “Estranho mimo aquele vaso! Vi-o, Casualmente, uma vez, de um perfumado Contador sobre o mármore luzidio, Entre um leque e o começo de um bordado.”

D “Sobre um trono de mármore sombrio, Num templo escuro e ermo e abandonado, Triste como o silêncio e inda mais frio, Um ídolo de gesso está sentado.”

E “Ó Formas alvas, brancas, Formas claras De luares, de neves, de neblinas!... Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas... Incensos dos turíbulos das aras...”

06 | Duas fortes motivações converteram-se em molas de composição desta obra:

A por um lado, o desejo de contar e cantar episódios em torno de uma figura lendária que trazia em si os atributos do *herói*, entendido no senso mais lato possível de um ser entre humano e mítico, que desempenha certos papéis, vai em busca de um bem essencial, arrosta perigos, sofre mudanças extraordinárias, enfim vence ou malogra...;

B por outro lado, o desejo não menos imperioso de pensar o povo brasileiro, *nossa gente*, percorrendo as trilhas cruzadas ou superpostas da sua existência selvagem, colonial e moderna, à procura de uma identidade que, de tão plural que é, beira a surpresa e a indeterminação.

(Alfredo Bosi. *Céu, inferno*, 2003. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se à obra

- A** *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- B** *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- C** *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
- D** *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- E** *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

07 | Uma análise mais atenta do livro mostra que ele foi construído a partir da combinação de uma infinidade de textos preexistentes, elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, europeia ou brasileira. A originalidade estrutural deriva, deste modo, do fato de o livro não se basear na mímesis, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção; mas em ligar-se quase sempre a outros mundos imaginários, a sistemas fechados de sinais, já regidos por significação autônoma. Esse processo, parasitário na aparência, é no entanto curiosamente inventivo; pois, em vez de recortar com neutralidade nos trechos originais as partes de que necessita para reagrupá-las, intactas, numa ordem nova, atua quase sempre sobre cada fragmento, alterando-o em profundidade.

(Gilda de Mello e Souza. *O tupi e o alaúde*, 1979. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se ao livro

- A** *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós.
- B** *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
- C** *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- D** *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
- E** *Iracema*, de José de Alencar.

08 | Em sua versão benigna, a valorização da malandragem corresponde ao elogio da criatividade adaptativa e da predominância da especificidade das circunstâncias e das relações pessoais sobre a frieza reducionista e generalizante da lei. Em sua versão maximalista e maligna, porém, a valorização da malandragem equivale à negação dos princípios elementares de justiça, como a igualdade perante a lei, e ao descrédito das instituições democráticas.

(Adaptado de Luiz Eduardo Soares, Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência, em C. A. Messeder Pereira, *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 23-46.)

Considerando as posições expressas no texto em relação à valorização da malandragem, é correto afirmar que:

- A** O verbo “equivale” relaciona a valorização da malandragem à negação da justiça, da igualdade perante a lei e das instituições democráticas.
- B** Entre os pares de termos “benigna/maligna” e “maximalista/reducionista” estabelece-se no texto uma relação semântica de equivalência.

C O elogio da malandragem reside na valorização da criatividade adaptativa e da sensibilidade em contraposição à fria aplicação da lei.

D O articulador discursivo “porém” introduz um argumento que se contrapõe à proposta de valorização da malandragem.

09 |

Puros

(Cidadão Quem)

Talvez não passe pela sua cabeça
Tudo que um dia passou
Coisas que achamos fortes, indispensáveis
O tempo veio e levou
Do que chamamos nossas prioridades
Escolho o que posso levar
Às vezes tento enxergar mais distante
Luto pra não me cegar

Somos tão cegos
Não vejo você
Somos tão surdos
Nós não escutamos você
Somos tão burros
Não penso em você
Nós somos puros
Demais pra entender
Talvez nem tudo

Seja assim importante
E na loucura eu vou
Fico surpreso ao ver
Que tudo é mutante
Este lugar onde estou
Do que chamamos nossas prioridades
Escolho o que posso levar
Às vezes tento enxergar mais distante
Luto pra não me cegar

Somos tão cegos
Não vejo você
Somos tão surdos
Nós não escutamos você
Somos tão burros
Não penso em você
Nós somos puros
Demais pra entender



Sobre a letra da música, são lançadas as seguintes afirmações:

I. Nessa letra, a vida é feito uma enxurrada, um vendaval, algo que leva de roldão.

II. De acordo com o autor, há uma alavanca que impulsiona a enfrentar tudo: o amor.

III. Segundo o autor, podemos selecionar o que é importante ou o que se torna prioridade em nossa vida.

Está(ão) correta(s) (a)s afirmativa(s)

- A** I, II e III.
- B** II e III apenas.
- C** I e III apenas.
- D** II apenas.

10| Leia abaixo a letra da canção *Mamãe Coragem* – composição de Caetano Veloso e Torquato Neto, interpretação de Gal Costa – que integra o álbum *Tropicália ou Panis et Circencis*.

Mamãe, mamãe, não chore
 A vida é assim mesmo
 Eu fui embora
 Mamãe, mamãe, não chore
 Eu nunca mais vou voltar por aí
 Mamãe, mamãe, não chore
 A vida é assim mesmo
 Eu quero mesmo é isto aqui
 Mamãe, mamãe, não chore
 Pegue uns panos pra lavar
 Leia um romance
 Veja as contas do mercado
 Pague as prestações
 Ser mãe
 É desdobrar fibra por fibra
 Os corações dos filhos
 Seja feliz
 Seja feliz

Mamãe, mamãe, não chore
 Eu quero, eu posso, eu quis, eu fiz
 Mamãe, seja feliz
 Mamãe, mamãe, não chore
 Não chore nunca mais, não adianta
 Eu tenho um beijo preso na garganta
 Eu tenho um jeito de quem não se espanta
 (Braço de ouro vale 10 milhões)
 Eu tenho corações fora do peito
 Mamãe, não chore
 Não tem jeito

Pegue uns panos pra lavar
 Leia um romance
 Leia “Alzira morta virgem”
 “O grande industrial”

Eu por aqui vou indo muito bem
 De vez em quando brinco Carnaval
 E vou vivendo assim: felicidade
 Na cidade que eu plantei pra mim
 E que não tem mais fim
 Não tem mais fim
 Não tem mais fim

Considere as seguintes afirmações sobre a canção.

I. A inversão apresentada na canção – é o/a filho/a jovem que consola a mãe e não o contrário – manifesta-se nas expressões comumente relacionadas ao vocabulário materno como “A vida é assim mesmo” e “Não chore nunca mais, não adianta”.

II. A sirene ouvida na abertura da canção é uma provável referência às fábricas da cidade, para onde o sujeito cancional se desloca em busca de oportunidades que superem o trabalho doméstico, a rotina e os passatempos provincianos.

III. O uso de “beijo” em vez de “grito”, no verso “Eu tenho um beijo preso na garganta”, expõe a ternura, apesar da rebeldia, que caracteriza o sujeito cancional.

Quais estão corretas?

- A** Apenas I.
- B** Apenas II.
- C** Apenas III.
- D** Apenas I e II.
- E** I, II e III.

11| João Cabral de Melo Neto, autor pernambucano, celebrou-se com um Auto de Natal, que trata de uma das questões mais sérias da sociedade brasileira, a qual está bem representada na charge abaixo. Relacione a imagem com o fragmento do texto de *Morte e Vida Severina*.



– Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.

– É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.

– Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.

– É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.

– É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.

– É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.

João Cabral de Melo Neto

Analise as afirmativas a seguir e coloque V nas Verdadeiras e F nas Falsas.

() O poema não tem nenhuma relação com a charge, pois não se pode relacionar dois tipos de linguagem completamente diferentes: verbal e visual. Além disso, na charge, a mensagem imagética e linguística apresenta uma crítica ferrenha à desigualdade social, enquanto o poema nega o valor da Reforma Agrária, uma vez que defende o monopólio da terra.

() O poema de João Cabral de Melo Neto desenvolve a temática da desigualdade social à semelhança da charge, que também aborda a mesma questão. Ambos tomam como ponto de partida a posse da terra. Há, entre as duas mensagens, uma única preocupação que é a aquisição de bens materiais.

() A charge apresenta, tanto quanto o fragmento do texto de João Cabral, uma crítica à condição do lavrador, que, durante toda vida, trabalha a terra, mas só tem direito a ela quando morre. Na imagem, o lavrador vivo traz a placa SEM TERRA, enquanto no poema, tal qual na charge, só adquire o direito à terra após a morte, que representa “a terra que queria ver dividida.”

() Diferentemente do texto escrito, a imagem revela um novo tipo de transmissão de mensagem em que se encontra eliminada a linguagem verbal, ocorrendo exclusivamente um discurso imagético. Nele o homem e a terra se confundem por ocasião da morte, que iguala todos os seres humanos, e isso fica explícito na antítese sem terra/com terra.

() As duas mensagens tematizam a questão da posse da terra, apresentando um discurso crítico, que enfatiza o fato de o lavrador não ter direito à terra, razão pela qual é designado como “sem terra”. Essa expressão atualmente identifica os participantes do movimento social, que lutam pelo reconhecimento do camponês que continua sem obter o tão desejado torrão.

Assinale a alternativa que contém a sequência **CORRETA**.

A F – F – V – F – V

B F – F – F – F – V

C V – V – V – V – V

D F – F – F – V – V

E V – V – V – F – F

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Atenção: A(s) quest(ões) a seguir remetem ao parágrafo abaixo, em seu contexto.

Se o relógio da História marca tempos sinistros, o tempo construído pela arte abre-se para a poesia: o tempo do sonho e da fantasia arrebatou multidões no filme *O mágico de Oz* estrelado por Judy Garland e eternizado pelo tema da canção *Além do arco-íris*. Aliás, a arte da música é, sempre, uma habitação especial do tempo: as notas combinam-se, ritmam e produzem melodias, adensando as horas com seu envolvimento.

12 | Compreende-se adequadamente do parágrafo transcrito, em seu contexto:

A filmes que arrebatam multidões devem seu sucesso aos temas musicais.

B o sucesso de *O mágico de Oz* deve ser atribuído à atriz *Judy Garland*, que entoou de modo especial a canção *Além do arco-íris*.

C a arte musical habita filmes famosos, por isso, torna-se densa e envolvente.

D o arranjo harmonioso de sons enriquece o conteúdo das horas.

E notas aleatoriamente agrupadas alteram a natureza do tempo, sempre de modo positivo.



13 | *Se o relógio da História marca tempos sinistros, o tempo construído pela arte abre-se para a poesia.*

Comenta-se corretamente sobre o que o segmento acima expressa, em seu contexto:

- A** O que se afirma na segunda oração será verdadeiro sempre que certas condições forem cumpridas.
- B** Os dois fatos mencionados nas orações são tidos, ambos, como possibilidades, mas difíceis de se cumprirem.
- C** A primeira oração contém a hipótese que legitimaria o que se afirma na segunda, ainda que o conteúdo desta seja considerado altamente improvável.
- D** A substituição do *Se* por “Caso” não exigiria nenhuma alteração na frase e manteria fidelidade ao sentido original.
- E** O segmento exhibe paralelismo entre fatos cuja ocorrência não é posta em dúvida.

GABARITO

01 | **C**

No poema “Pobre alimária”, integrante da obra “Pau-Brasil”, Oswald de Andrade reproduz poeticamente a imagem de uma cidade a meio caminho do progresso, mas ainda com características de vila pacata e burguesa. Trata-se de uma cidade que em pouco tempo irá tornar-se a maior do Brasil e adaptar-se a uma nova mobilidade no espaço urbano, mas onde ainda permanecem as estruturas do período colonial. Isso fica mais claro, quando se vê na fotografia que acompanha o poema, a presença de parelhas de bois e carroças em meio à agitação de pessoas. Assim, é correta a opção [C].

02 | **E**

Todas as proposições estão corretas. Luis Fernando Verissimo, em sua crônica, utiliza trechos de várias canções da bossa-nova para caracterizar o espírito de sua geração, que, melancolicamente, vai cedendo espaço para os mais jovens (a geração do rock).

03 | **A**

As referências de Antônio Cândido a um escritor que demonstra “despreocupação com as modas dominantes” e que “cultivou livremente o elíptico, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa” apontam para Machado de Assis que, ao mesmo tempo em que adota estilo refinado em português vernáculo, antecipa a modernidade pelo uso de recursos acima citados Assim, é correta a opção [A].

04 | **D**

As opções [A], [B], [C] e [E] são incorretas, pois

[A] não necessariamente a relação de datas e acontecimentos históricos devam estar presentes em outros estudos de cunho científico;

[B] embora a data deva ser considerada em relação direta com o que está à direita e todas consideradas da antecedente para a subsequente, a leitura do quadro pode ser realizada sob os mais diversos critérios, dependendo apenas do objetivo do leitor ao recolher determinada informação;

[C] a tabela cronológica é sempre fundamentada em dados científicos, por isso a sua credibilidade independe da argumentação do texto dissertativo a que está aposta;

[E] a credibilidade da ordenação da tabela cronológica não depende de decisões de governantes e suas consequências, mas sim da veracidade da ocorrência dos fatos enumerados.

Assim, é correta a opção [D].

05 | **E**

A linguagem simbolista caracteriza-se pela sugestão, musicalidade, uso de sinestésias, metáforas, preferência por vocabulário litúrgico, valorização de temas ligados aos mistérios da morte e dos sonhos e, no caso de Cruz e Sousa, autor do excerto apresentado em [E], a preferência pela cor branca, simbolizando pureza e espiritualidade. Embora use linguagem herméutica, deduz-se que o eu lírico invoca as formas para que fecundem o mistério dos seus versos, ou seja, dirige-se a forças indefinidas, diáfanas e transcendentes para pedir-lhes inspiração para seus versos.

06 | **C**

A referência ao “herói” como um ser entre humano e mítico que vai em busca de um bem essencial e ao seu desejo de representar a “nossa gente” permitem deduzir que se trata de Macunaíma, o herói sem caráter, protagonista da obra homônima de Mario de Andrade. Assim, é correta a opção [C].

**07 | B**

As referências a uma obra elaborada com base em textos preexistentes, transmitidos por via oral ou escrita, em linguagem popular e erudita e que mescla o mundo objetivo com a ficção apontam para a obra *Macunaíma* de Mário de Andrade, mencionada na opção [B]. Trata-se de uma narrativa que o autor classificou de rapsódia por reunir lendas, folclores, credences, costumes e provérbios, em linguagem popular e erudita a fim de representar a miscigenação cultural da sociedade brasileira.

08 | D

É correta a opção [D], pois a conjunção coordenativa adversativa “porém” estabelece oposição à proposta de valorização da malandragem.

09 | C

[II] Incorreta: em nenhum momento na música o eu lírico toca no assunto amor.

10 | E

A canção *Mamãe Coragem*, composta por Caetano Veloso e Torquato Neto durante a Tropicália, tem como sujeito cancional um(a) jovem que afirma sua necessidade de liberdade e de conduzir sua vida com autonomia.

As sirenes de fábricas sinalizam o modo de vida urbano, que atrai os jovens, em sua ânsia de conhecer o mundo.

O verso “Eu tenho um beijo preso na garganta” reflete o misto de rebeldia juvenil (“preso na garganta”) com a ternura filial (“beijo” em vez de “grito”). Essa ternura também se reflete nos conselhos dados à mãe, similares àqueles recebidos comumente pelos filhos: “A vida é assim mesmo” e “Não chore”.

11 | A

I. Falso. Neste contexto, linguagem verbal e visual dialogam: ambos apontam para a crítica à desigualdade social e ao latifúndio.

II. Falso. Não há, nos textos apresentados, qualquer afirmação relativa à preocupação com aquisição de bens materiais: contrariamente, ambos mencionam vidas desprovidas de bens materiais e reforçam que a única posse de terra de que esses indivíduos dispõem se dá após a morte.

III. Verdadeiro. Ambos textos apresentam a figura do lavrador, desprovido de posses. Essa informação pode ser justificada por meio da placa em que se lê “Sem Terra” na figura, e os versos “É uma cova grande / para teu pouco defunto, / mas estarás mais ancho / que estavas no mundo” no poema.

IV. Falso. A charge apresenta linguagem mista, uma vez que há elementos imagéticos acompanhados de verbais (“Sem Terra” e “Com Terra”). A oposição se dá pela condição em que os lavradores vivem e a posse que adquirem ao morrer.

V. Verdadeiro. A charge e o poema permanecem como problemas sociais, a exemplificar com o Movimento dos Sem Terra, a organização dos trabalhadores rurais que lutam pela Reforma Agrária no país.

12 | D

É correta a opção [D], pois, segundo o excerto, a arte permite que o sonho e a fantasia ultrapassem os limites do tempo cronológico e, dessa forma, venham a enriquecer a existência do ser humano.

13 | E

O segmento do enunciado apresenta estrutura paralelística, na intenção de estabelecer uma comparação entre conceitos de Tempo: cronológico, aludindo a aspectos negativos da História da Humanidade, e subjetivos, referindo-se às características inerentes à obra artística. Assim, é correta a opção [E].